



# Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

20 de Novembro a 3 de Dezembro de 2018 | Nº 174 | Ano VI • Director: José Luís Mendonça

.... Kz 50,00

HISTÓRIA

Pág.  
11 a 12



**Carlos Lamartine**  
escreve a Manuel Rui sobre o Hino Nacional

LETRAS

Pág.  
8

## Barros Neto

tece fiapos de memórias



ARTES

Pág.  
9 a 10

## Bonga

anima Muzonguê da Dipanda



LETRAS

Pág.  
9 a 10



## Ritmos da Luta

O Semba como ferramenta de libertação

## Poema de Bona Ska



### Palco mundo

Seja bem-vindo a este palco chamado mundo  
actores sem papéis definidos surgem a cada segundo  
actores primários confundidos com terciários  
os bandidos controlam tudo, os artistas são mercenários.

Figurantes impotentes à mercê do cenário  
na zona vip do conforto confrontam quem propor o contrário  
as estrelas desceram o céu azul e gingam em tapetes vermelhos  
a realidade foi ofuscada e posta pra fora do conelho.

Percepções distorcidas elevadas à magnificência  
kimbandas africanos desafiam as leis da ciência  
cambada de hipócritas pregam a lei da decência  
por trás enrabam e desvirginam a flor da inocência.

A obediência usa óculos escuros e tem um cão-guia  
há povo, há estado e entre eles uma guerra fria  
distante num canto um mago levita cérebros e almas  
ciganas por trocos trocam destinos de karmas

Há lua, há sol, há brisa quente, há vento frio  
deserto, mar, chuva, seca, gelo, rio  
e a terra nunca para: é rotação e translação  
rotação e translação rotação e translação  
porque é que tu paras? Volta lá e traz acção  
volta lá e traz acção volta lá e traz acção muda de percepção

E no dinamismo deste fôlego uma eterna aliança  
marejar o mundo de poesia em forma de criança  
pintar as vibrações da alma em guitarra ou batoque  
e viver a vida antes que a morte o sino toque.

01.11.2016 01:14am

*Músico e slammer, Bona Ska é um ser sensitivo. Natural de Benguela, nasceu há 31 anos de um 23 de Março inesquecível para si. Jovem talentoso e multifacetado que, sem cair em rótulos, pretende chegar à definição do seu ser artístico. Tem como foco a intervenção social e é um artista que compõe, canta, toca instrumentos, desenha, escreve poesia e prosa.*



## Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

### Propriedade



Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda  
Redacção 222 02 01 74 | Telefone geral (PBX): 222 333 344  
Fax: 222 336 073 | Telegramas: Proangola  
E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

### Conselho de Administração

Victor Silva (presidente)

### Administradores Executivos

Caetano Pedro da Conceição Júnior  
José Alberto Domingos  
Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abri  
Mateus Francisco João dos Santos Júnior

### Administradores Não Executivos

Olímpio de Sousa e Silva  
Catarina Vieira Dias da Cunha

## Cultura

### Jornal Angolano de Artes e Letras

Nº 174/Ano VII/ 20 de Novembro a 3 de Dezembro de 2018  
E-mail: cultura.angolana@gmail.com  
site: www.jornalcultura.sapo.ao  
Telefone e Fax: 222 01 82 84

### CONSELHO EDITORIAL

#### Director e Editor-chefe:

José Luís Mendonça

#### Editores:

Adriano de Melo e Gaspar Micolo

#### Departamento de Paginação:

Irineu Caldeira (Chefe), Adilson Santos (Chefe adjunto),  
Adilson R. Félix, Sócrates Simóns, Jorge de Sousa  
e Waldemar Jorge

**Edição online:** Adão de Sousa

#### Colaboram neste número:

**Angola:** Analtino Santos, Bona Ska, Filipe Zau, Francisco Neto,  
Leonel Cosme, Mário Pereira, Vítor Burity da Silva

#### FONTES DE INFORMAÇÃO GLOBAL:

Afreaka, Africultures, Portal e revista de referência, Agulha,  
Correio da Unesco, Modo de USAR & CO,  
Obvious Magazine e Engenharia é.

# Testemunhos para a História

O novo livro do antigo banqueiro belga Daniel Ribant traz testemunhos de várias personalidades, nacionais e estrangeiras, que cruzam séculos de História. Cruzando períodos diversos, o autor dá voz aos que têm "dever de memória".

GASPAR MICOLO

A fotografia que ilustra a capa do livro não podia ser mais clara: vêem-se duas meninas a carregar caixas, com olhar inocente e sereno. O fundo da imagem captada em Benguela, em Agosto passado, é uma parede pintada azul e vermelho em que se lê um "Força Angola", como que a encorajar as crianças a seguirem em frente, apesar do peso. A imagem do fotógrafo francês Eric Lafforgue, de 50 anos, e que andou a fotografar as tribos e as paisagens do sul de Angola, ilustra bem aquilo que o antigo banqueiro belga Daniel Ribant, de 65 anos, se propôs a revelar ao público francófono com o seu novo livro.

Depois de, em 2015, ter apresentado "Angola de A a Z", em que revela diversos aspectos da história do país de 1975 a 2015, Daniel Ribant lança agora "Força Angola - Témoignages pour l'histoire", na próxima quarta-feira, 28, às 18h, na União dos Escritores Angolanos, depois de ter sido disponibilizado em França, em Outubro. Trata-se de um total de 17 entrevistas a diversas personalidades, entre nacionais e estrangeiras, que ao longo de um século testemunham (parentes incluídos) importantes factos históricos. As entrevistas, realizadas entre 2015 e 2018, são ainda acompanhadas de diversos textos que esclarecem tópicos importantes da historiografia angolana, numa visão bastante certeira de Daniel Ribant, um homem que acompanha a história contemporânea angolana desde que, depois de se formar em Economia e Ciências Políticas, em Bruxelas, e abandonar a banca, ocupa o posto de conselheiro em diplomacia económica na Embaixada da Bélgica em Luanda.

Com a finalidade de dar a conhecer o país aos francófonos, Daniel Ribant dá voz aos que têm o "dever de memória". "O livro não foi escrito para os angolanos, mesmo sendo possível que apareçam aspectos mal conhecidos da sua história", escreve.

Sem tradução em português, o livro traz testemunhos de diversas naturezas, muitos dos quais de actores envolvidos directamente em vários factos históricos. São os casos, por exemplo, do escritor e poeta português Manuel Alegre, do engenheiro dos petróleos Jean-Pierre Amory, do antigo Primeiro-Ministro angolano Lopo do Nasci-

mento ou da escritora e viúva do primeiro Presidente da República, Agostinho Neto, Maria Eugénia Neto.

Na entrevista realizada em Luanda, em Novembro de 2016, Maria Eugénia Neto traça um retrato conhecido do percurso de Neto mas esclarecedor. À chegada do casal à então Léopoldoville, actual Brazzaville, no seio do MPLA, Viriato da Cruz, secretário-geral da organização, deixa entender que Agostinho Neto estava envolvido com a Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), polícia política portuguesa entre 1945 e 1969, responsável pela repressão. "A acusação era grave, mas como de hábito, meu marido permaneceu muito calmo e organizou as eleições", explica. A lista de Neto ganha. O MPLA, diz, vence assim a sua primeira cissão interna, pelo que Viriato abandona o movimento. Maria Eugénia Neto também é questionada sobre a tentativa de golpe de Estado de 27 de Maio de 1977. "Que fique bem claro: os «fraccionistas» conduzidos por Nito Alves e José Van-Dúnem carregam a inteira responsabilidade pelos acontecimentos", atira. "Queriam assassinar o Presidente Neto e agarrar o poder".

Apesar dos trágicos acontecimentos - que precisa de uma "comissão da verdade", como diz ainda fazer sentido o escritor Manuel Rui Monteiro, em entrevista ao Jornal de Angola - Agostinho Neto voltou a revelar-se mais um homem calmo. "Ele era de um calma extraordinária, diria mesmo filosófica", diz o jornalista e intelectual sueco Leif Biureborgh, em entrevista no livro.

Leif Biureborgh conhece Agostinho Neto numa conferência na capital sueca. Os dois homens nutrem a partir daí uma bela história de amizade. Foi a convite de Neto que Leif Biureborgh se instala em Luanda em 1973 a fim de seguir de perto a actividade de guerrilha do MPLA. A história de amor acaba subitamente a 27 de Maio de 1977. É declarada "persona non grata" e é expulso do país. "Neto ignorou um certo número de coisas que se passaram na época. Mas a máquina repressiva da Direcção de Informação e Segurança de Angola (DISA) já estava em marcha e fora de todo enquadramento", conta. Leif Biureborgh foi conduzido à prisão de São Paulo. "Todas as celas estavam cheias. Havia mesmo crianças". Depois de expulso do país, o jornalista perde a casa. "O general Ludi Kis-



Daniel Ribant, autor do livro

ssunda (chefe da DISA), instala-se na minha casa, revelando assim uma face importante das motivações que poderia animar essas pessoas". Onze anos depois da travessia no deserto, regressou à Angola. "Devo precisar que depois do meu regresso, o governo angolano indemnizou-me sob instruções directas do Presidente Dos Santos".

Leif Biureborgh, que depois do seu regresso trabalhou para a CNN e para a Televisão Pública (TPA), revela-se pessoalmente convencido de que os trágicos acontecimentos de 27 de Maio agravaram o estado de saúde e conduziram a morte de Neto.

Há ainda a entrevista da historiadora Aida Freundenthal, que aborda fundamentalmente o impacto da Casa dos Estudantes do Império, criada em

1944. Aida Freundenthal instala-se em Angola com o marido, Percy, em 1965, quando este joga um papel importante na criação da Sonangol. Dá aulas de história no liceu. Com a independência, é chamada pelo Ministério da Educação para coordenar a reforma das matérias em Ciências Sociais.

Já na entrevista com Pepetela, Daniel Ribant questiona o percurso do escritor na guerrilha, explorando sobretudo o enredo do romance Mayombe. Pepetela revela acreditar que o fenómeno da corrupção começa com a colonização portuguesa, já que, nas sociedades tradicionais associadas ao poder, existia casos de favoritismo que eram geralmente julgados nos conselhos de anciões como sendo nocivos para a sociedade. "Mas todas as manobras dos chefes africanos para facilitar o tráfico de escravos e provocar guerras entre os povos vizinhos, a fim de obter prisioneiros que eram vendidos como escravos, eram encorajados pelos portugueses", diz. "Pode-se dizer que esta prática constitui a primeira manifestação de corrupção em grande escala". Sintomas de corrupção que Pepetela coloca em evidência no livro Mayombe. "Depois da independência (...), existia já alguns sinais que se desenvolveriam mais tarde", conta. "Tudo se passava numa pequena escala quando Agostinho Neto estava vivo e que todo mundo o respeitava. Com a sua morte, as coisas pioraram", atira, para mais tarde completar. "Este fenómeno, jamais combatido verdadeiramente na época do Presidente Dos Santos, sobretudo nos últimos anos, conduziu à actual aberração".



xar-lhe um texto sobre "O Particularismo Bakongo".

Assinala-se ainda a entrevista com Alcides Sakala, deputado e porta-voz da UNITA, que aborda os acordos de Bicesse e Lusaka.

Já o comerciante holandês Andries Pieter Van Der Graaf (1909 - 1996), que dirigiu negócios (Philips, Nestlé, Bayer, Agfa, entre outros) em Angola durante vinte anos, de 1950 a 1970, é re-

tratado com trechos do seu livro de memória "Os meus anos em Angola". Num dos trechos, Pieter Van Der Graaf revela que, no Huambo, em 1950, encontrou-se com os trabalhadores locais que lhe iam ajudar a transportar uns sacos. Um deles apressa-se a dizer que "a chuva tinha chovido durante a noite". "Foi a primeira vez que conheci esta personificação tipicamente africana bantu dos fenómenos naturais", escreveu. Inserido na sociedade colonial, Pieter Van Der Graaf não se coíbe de julgar o regime. Já em Luanda, em 1951, assiste à celebração do 15 de Agosto na Fortaleza de São Miguel, velho forte, em



Linguista Héli Chatelain lembrado por conterrâneos

que o regime colonial festeja a vitória contra os holandeses, que o ocuparam de 1641 a 1648. "No discurso, a palavra «holandês» era citada frequentemente, mas não em termos muito elogiosos, pelo que decidi não mais participar das festividades nos anos seguintes".

Filho de pastores suíços que se estabeleceram em Angola em 1943, Etienne Bréchet, aborda no seu testemunho o impacto das missões de Caluquembe e de Dondi, sem passar ao lado do importante contributo do seu conterrâneo Héli Chatelain (1859 - 1908), que

chega a Luanda em 1890. "Falei primeiro umbundu, língua local, antes de aprender francês. Era nessas duas línguas que nos exprimíamos em casa", conta o agora empresário, fundador do grupo Jembas, com negócios em várias áreas, com destaque para a Multichoice Angola. Etienne Bréchet lembra que os pais, professores na missão do Dondi, deixaram uma importante contribuição, a publicação em 1963 da Bíblia em umbundu, fruto de anos de trabalho de tradução. Sobre Héli Chatelain, missionário e linguista que escreveu uma gramática sobre a língua Kimbundo, tendo sido o primeiro a distinguir o kimbundo como língua distinta do kikongo e do umbundu, Etienne Bréchet revelou que soube dos pais que o folclorista africano, que reuniu fábulas e poesias africanas, tinha a particularidade de não reconhecer a ocupação de Angola pelo poder colonial. "Ele recusava falar português e era sempre acompanhado por uma pessoa que traduzia aos chefes de posto o que ele dizia em umbundu", conta. "Ele teve que abandonar Angola por causa da doença, mas, na verdade, a sua ordem de expulsão já estava assinada". O pai de Etienne, o missionário Rodolphe Bréchet, também deixou um livro de memória. Nele, revela que houve "um antes e um depois" de 1961 e a noção de vulnerabilidade do homem branco.

Há ainda o testemunho de Edward George, banqueiro britânico e autor de uma tese de doutoramento sobre a intervenção cubana em Angola, entre os anos 1965 e 1991. Daniel Ribant entrevista ainda o militar e diplomata angolano Mawete João Batista, natural de Maquela do Zombo, que já foi embaixador em Cuba, que aborda o seu percurso na luta de libertação nacional, ocasião, entretanto, aproveitada pelo autor para ane-

## A amizade são trevas diluídas



VÍTOR BURITY  
DA SILVA

Ingere-se cada instante numa fórmula constante de instantes, um abraço vagaroso entre sorrisos e lágrimas, sim, afinal a amizade faz chorar quando a sensação reina, nem que seja esse o único instante, mesmo que depois se dilua nos momentos que se seguirão voando mesmo sem asas ao encontro do infinito. Imaginá-las eternas mas nem sempre o são, nem sempre perduram neste cansaço de ter de se ser o que afinal não sentimos, somos diluídos também quando conseguimos esquecer, quando nos sentimos vencidos pelo momento em que julgávamos a eternidade daquele abraço apenas fugaz, levado depois para tão longe de nós que conseguimos mesmo esquecê-lo. São inócuas as que são, nem sempre assim acontece, nem sempre nos sentimos degolados pela sensação, pela emoção, pelo que afinal sentimos, vemo-nos na verdade imbuídos nesse mar salgado de ondas saltitantes que nos fazem até saltar como as ondas que flutuam as

alegrias desta tão sóbria vida: a felicidade. A amizade é na verdade uma sensação enorme de felicidade, sentimos que partilhamos a mesma dor e a mesma alegria, repetir sem nos apercebermos da mesma mágoa, vivermos os mesmos momentos ainda que longe uns dos outros. Como troncos que alicerçam a árvore que nos faz viver a longevidade de uma imensa árvore neste quintal comum, o nosso, neste sangue que flui e jorra para dentro nas veias que a vida nos concede, regados

todos os dias pela milagrosa chuva que o céu maravilhoso nos oferece, que saibamos assim cumprir sem obrigações. O olhar reflecte a verdade dessa sensação, o espelho natural da nossa pele encostada como uma divindade oferecida, uma relíquia que poucos conseguirão sentir ou vivenciar, por isso vivamos, mas com felicidade, verdade, nada se consegue sem que o coração assinale e marque ou registre bem por dentro das nossas consciências, um acto de reflexão para que nos

sintamos granjeados pelo divino ser que nos aprova os actos: a vida. Sabes, sinto em cada sonho esse fluir noite a dentro, deitado nas coisas boas que imagino e pretendo, um sonho repetido dia após dia como que de um alimento se tratasse, uma refeição obrigatória alimentando todos os momentos em que sentimos gratificados em nós mesmos pelos actos altruístas desse sentimento natural como a terra que nos cobrirá um dia: a verdade. Sim, nem sempre perdura, nem sempre é como imaginamos ou pensamos, tantas nos desiludimos e nos sentimos feridos, tantas as desilusões que nos castram os movimentos, prendem-nos tudo, a vaidade seca e por instantes desesperamos, cansamo-nos de ser, existir, pensar, fugimos das fantasias decoradas nas bermas de estradas longínquas tal a desilusão, desilusão porquê então? Há quem diga que só dói quando apostamos, quando confiamos e acreditamos, quando já nos sentimos membros dessa comunidade a dois vivenciando todos os dias e confidenciando sempre, sim, tudo se dilui como trevas cansadas e o peso que sentimos sobre a alma, o olhar estarecido e poisado num além que não existe, o olhar fecha-se diante de um dia ensolarado e belo. Queria acreditar na sua presença sempre, mas nem sempre isso acontece, ela é tão volátil como o éter das enfermarias, vai-se.



Criança africana

# As línguas na CPLP



LEONEL  
COSME

**L**i com particular interesse a notícia da realização, em Lisboa, no mês de Novembro, do IV Congresso de Cooperação e Educação, promovido pelo ISCTE, no qual o prof. Filipe Zau, reitor da Universidade Independente de Angola, abordou o tema da “questão identitária, a questão educativa e a questão linguística na educação”, lembrando que “desde a fundação, em 1996, da CPLP, se abordava a questão da cooperação linguística entre a língua portuguesa e outras línguas nacionais dos países africanos.”

Por coincidência, eu haveria de ler, na CULTURA, um laborioso texto do mesmo académico sobre aquela problemática, centrado numa entrevista do também académico (lamentavelmente já falecido), Jaka Jamba, no qual, depois de observar que “a língua portuguesa, como língua oficial e de escolaridade, não coopera com as outras línguas de convívio, nomeadamente as maternas de origem africana”, formula interrogações como estas: “Que línguas é que os angolanos falam? Que Estatuto é que têm? O que é que confere à Língua Portuguesa, que nós herdamos da colonização e que naturalmente ficou em Angola... portanto, porque não conferir também a algumas línguas de grande comunicação em Angola o Estatuto de Línguas Oficiais?”

Quem, como eu, interessado nesta problemática (que talvez não o seja...), e leu, por exemplo, o “Discurso no Percurso Africano I”, de Manuel Ferreira, ed. Plátano Editora (1989) ou “A Lusofonia e os Lusófonos: Novos Mitos Portugueses”, de Alfredo Margarido, ed. Edições Universitárias Lusófonas (2000), terá obtido uma boa base metodológica para responder àquelas interrogações. Não eram estes dois reputados cientistas sociais simples curiosos ou meros outsiders da vivência africana: não obstante serem de origem portuguesa, ambos a experienciaram em diversos países colonizados por Portugal, em África e não só.

Se ainda não tivessem partido deste mundo para sempre, poderiam hoje confirmar que só o sentimento pátrio persevera no centro da diversidade das etnias e nações e que, quanto a países-territórios, há muitos, seja em África, na Europa ou noutros continentes, onde perdura a língua do conquistador. Pelo que nos toca particularmente, o país-território que é Angola foi uma criação administrativa de Portugal

com fronteiras caucionadas na Conferência de Berlim, em 1984-1985, um conluio de outros países colonizadores igualmente interessados em demarcar “de jure” territórios em África, já ocupados “de facto” alguns séculos atrás.

Dos principais meios de ocupação – armas e língua – é esta que hoje perdura com os cambiantes que as mudanças do tempo impuseram,

sendo este, como dizia Santo

Agostinho, o espaço onde decorrem as coisas. No caso, depois da agressão e

da resignação, veio a convivência e, por último, a libertação dos povos submetidos. Então, já que a um tempo outro sucede,

à libertação de uns sucedeu a necessidade da unidade de todos, em que a língua do colonizador-dominador desempenhou a parte da reconciliação.

Em 1965, dizia o libertador Amílcar Cabral, na Guiné: “Temos que ter um sentido real da nossa cultura. O português (língua) é uma das melhores coisas que os tucas nos deixaram, porque a língua não é prova de nada mais senão um instrumento para os homens se relacionarem uns com os outros; é um instrumento, um meio para falar, para exprimir as rea-

lidades da vida e do mundo.”

E Fernando Ganhão, reitor da Universidade Mondlane: “Teria sido impossível que em 25 de Junho de 1975 (data da independência de Moçambique) se tivesse escolhido uma das várias línguas moçambicanas para língua nacional, porque as querelas que trazia fariam decerto perigar a existência de estado uno, teriam impossibilitado a unidade que criámos no seio do nosso Partido Frelimo e impedido as vitórias que já alcançámos na edificação das bases materiais e sociológicas para a construção da sociedade socialista.”

E perguntamos nós: como teria sido a independência de Angola, com as querelas do MPLA, UNITA e FNLA, sem a mediação da língua portuguesa e do que, ao viés dela, se movimentaram potências estranhas a Angola? O resultado que hoje podemos avaliar sem preconceitos etnoculturais teria sido melhor ou pior se o discurso de reconciliação e unidade fosse proferido em kimbundo, umbundo ou kikongo? E a seguir, quando outros grandes grupos de povos bantus, como Lunda-Kioco, Ganguela, Nhaneka-Humbe, Ambó ou Herero reivindicassem o direito à autonomia como um direito de nação – isto é, território, etnia, costume, tradição e língua?

Daqui, poder-se concluir que a língua portuguesa, porque instrumental, tenha o estatuto de língua principal, que se fala, escreve e comunica com povos multilingues que nem o Atlântico separou, constituindo uma unidade política de que a CPLP, mais do que um paradigma, é um sintagma. Enquanto cada Nação-Estado for como é...



Mulheres Nganguela  
das margens do Kavango,  
gravura da edição inglesa  
Vintage-ew9wpm



FILIPE  
ZAU\*

# As políticas linguísticas e educativas na Nigéria

Estima-se que a Nigéria possua uma população de, aproximadamente, 114 milhões de habitantes e tenha para cima de quatrocentas línguas africanas. O Hausa, o Yoruba e o Igbo são, por esta ordem, as mais faladas e, por esta razão, têm o estatuto de línguas nacionais da Nigéria. No sentido da sua abrangência geográfica nenhuma delas é nacional. O Hausa é dominante no Norte; o Yoruba no Sudoeste; e o Igbo na área central do Sudeste. Em conjunto, estas três línguas cobrem mais de 55% do total da população nigeriana, considerando os que as falam como língua materna (L1) e como língua segunda (L2).

Algumas das línguas da Nigéria são, de facto, pouco representativas. Mas, o espaço territorial abrangido pelas línguas e grupos minoritários é maior, do que aquele que é coberto pelas três línguas maioritárias. De realçar que o Hausa (a mais falada), cobre apenas 23% do total da população nigeriana. Com a institucionalização da Federação Nigeriana há, presentemente, 30 Estados, onde algumas línguas são dominantes a nível estadual sem que, no entanto, sejam principais a nível nacional. Porém, de acordo com a Constituição de 1979, qualquer língua pode ser oficial em qualquer Estado, mesmo se essa língua não for oficial a nível Nacional.

De acordo com Ben Elugbe, em «Língua e Educação na Nigéria: Política e Implementação», as três línguas africanas mais faladas na Nigéria, juntamente com o Inglês, são também línguas oficiais. Mas, na prática, o Inglês é a língua oficial. Uma outra língua, o “Pidgin” nigeriano, de base inglesa – também conhecido por “Black English” – é a língua mais falada, mas não tem qualquer reconhecimento oficial, apesar de ser neutro do ponto de vista étnico e nacional em termos de abrangência geográfica.

A política linguística encontra-se consagrada, quer na Constituição da República Federal da Nigéria de 1979, quer ainda na Política Nacional sobre Educação (NPE), criada em 1977, revista em 1981 e dirigida sobretudo à Educação. Cobre o sistema educativo desde a pré-primária ao nível terciário, assim como também o ensino não-formal. No quadro do ensino formal, a NPE define que:

- Ao nível pré-primário (3-5 anos) o meio de instrução será principalmente a língua materna ou a Língua da Comunidade Imediata (LCI);

- Ao nível primário (6-11 anos) o meio de instrução será inicialmente a língua materna ou a LCI e, num estágio posterior, o Inglês;



- Ao nível do 1º ciclo da escola secundária – Junior Secondary School – (12-14 anos), o aluno deve estudar duas línguas nigerianas: a língua da sua própria área e uma das três principais línguas nigerianas (Hausa, Igbo ou Yoruba), dependendo da disponibilidade de professores;

- No 2º ciclo da escola secundária (15-17 anos), recomenda-se qualquer língua nigeriana, seja ela nacional ou não, como uma das disciplinas nucleares disponíveis, mas, “na prática, isto tem sido interpretado como restrição a uma língua nacional”;

- Ao nível terciário estudam-se ainda diferentes línguas africanas como por exemplo: Edo, na Universidade do Benin; Hausa e Kanuri, em Maiduguri; Yoruba e Igbo, em Ibadan; Ibo (ou Igbo) e Youruba, em Lagos, etc;

- No quadro do ensino não-formal, o governo nigeriano lançou a Campanha de Alfabetização de Massas, no dia 8 de Setembro de 1982 e recomendou a inclusão das línguas nigerianas nos programas de educação de adultos.

A Política Nacional de Educação (NPE) contém também uma declaração sobre o papel da língua no desenvolvimento da unidade nacional e considera que é deste interesse “(...) que todas as crianças sejam encorajadas a aprender uma das três línguas nacionais para além da língua materna. Em relação a isto, o Governo considera que as três línguas nacionais da Nigéria, são Hausa, Ibo e Yoruba.” Independentemente de acreditar que o domínio de uma língua comum é útil, senão necessário, para a unidade nacional, a Nigéria propõem-se a que, pelo menos a longo prazo, cada nigeriano seja capaz de falar, pelo menos, uma das três línguas africanas que considera nacionais. Não deixa de optar pela educa-

ção multilingue, baseada no princípio da língua materna, como a melhor política a levar a cabo na educação.

O facto de reconhecer que a introdução de uma criança na educação formal se fazer melhor na sua língua materna, não impede que a política educativa proponha também a Língua da Comunidade Imediata (LIC), como opção. No futuro, o meio de comunicação nas escolas nigerianas poder-se-á reduzir ao Inglês, Hausa, Igbo e Youruba, caso se mantenha a opção do LIC e se cada nigeriano falar, pelo menos, uma destas três línguas africanas. Em estreita cooperação com a língua inglesa, a língua materna (ou LIC), que nos primeiros três anos serve de veículo de comunicação e de disciplina curricular para as escolas primárias), passou a ocupar apenas a função de disciplina de estudo. Segundo A. Bamgbose, em «Issues in the teaching of Nigerian languages» [Questões no ensino das línguas nigerianas], a língua inglesa é introduzida e ensinada nos primeiros três anos de escolaridade como disciplina, para nos últimos três passar à função de meio de instrução, sem deixar de ser também uma disciplina do currículo.

A Comissão de Implementação, surgida na sequência da publicação da NPE, acabou por deixar de exigir que a língua materna constituísse um requisito para o currículo a nível pré-primário, restringindo-a à LIC (Língua da Comunidade Imediata) ou Inglês nas escolas internacionais. O Estado não participa no esforço da educação pré-primária, o que torna o seu papel praticamente inócuo. A principal razão que leva os nigerianos a matricular os seus filhos na pré-primária é o domínio do Inglês como forma de preparação para as melhores escolas primárias, onde o meio de ins-

trução é o Inglês. Daí que algumas das instituições pré-primárias se intitulem a si próprias como escolas “de arranque na 1ª linha”.

Ainda segundo a Comissão de Implementação, mesmo nas escolas onde o Inglês é o meio de instrução, a LIC devia ser ensinada apenas nas suas formas orais, uma medida que pensam alargar ao 1º grau da escola secundária. Diz-nos Bem Elugbe que “esta pode ser a razão por que, em adulação do requisito da língua materna, os alunos são ensinados nas suas línguas de forma puramente oral e examinados também oralmente. O resultado é óbvio. Os alunos não aprendem nada e não são letrados nas suas línguas maternas”. Apesar do Governo ter criado uma Comissão de Implementação, deve-se sublinhar que, a NPE, contém algumas orientações metodológicas sobre a forma como as metas linguísticas poderão ser alcançadas, tais como:

- Definir normas ortográficas para muitas mais línguas;

- Produzir livros escolares nas línguas africanas da Nigéria;

- Formar professores de qualidade para assegurar o sucesso da sua política educativa, incluindo as próprias línguas africanas.

Entretanto, o Centro Linguístico Nacional leva a cabo um programa de produção de ortografias para as línguas africanas da Nigéria e, em 1992, já havia elaborado, pelo menos, seis manuais ortográficos, que cobriam 33 línguas africanas, afirma I. Mushoshy. A mesma instituição publicou também um «Glossário de Terminologia Técnica para as Escolas Primárias na Nigéria», que comporta nove línguas africanas: Edo, Efik, Fulfulde, Hausa, Igbo, Izon, kanuri, Tiv e Yoruba. De acordo com o prefácio, estas nove línguas fo-



ram escolhidas tendo em conta a sua abrangência em número de falantes e a sua representatividade nacional. Este projecto de terminologia envolveu também, em alguns casos, a reestruturação do sistema de contagem, tal como se havia feito anteriormente para o Igbo, para o qual foi recomendada a aplicação do sistema decimal.

Foi publicado, em 1991, o «Glossário Quadrilingue de termos legislativos (Inglês, Hausa, Igbo, Yoruba)» ten-

do em vista a utilização de termos legislativos, que permitem, a par do Inglês, que também o Hausa, o Igbo e o Yoruba, como línguas oficiais, pudessem ser faladas na Assembleia Nacional. Um outro esforço da República Federal da Nigéria para a promoção das línguas africanas refere-se à produção de materiais em Braille nas três maiores línguas africanas.

A nível dos Governos Estaduais, as três instituições públicas de formação

de professores, em Agbor, Ekiador e Warri, foram instruídas para iniciarem os programas académicos nas línguas locais, com vista à formação de professores. Estes, posteriormente, passarão a ensinar essas línguas africanas nas escolas primárias e secundárias. Mesmo nos Estados basicamente monolíngues, onde se veicula o Hausa, Igbo ou Yoruba, continua-se a formar professores nas suas respectivas línguas maternas.

De considerar ainda a implementação do «Projecto primário de seis anos», em Ife, que, entre outros objectivos, procura evidenciar que «a educação primária, quando dada à criança em língua materna, em vez de em língua segunda ou estrangeira, é mais efectiva e significativa», refere A Alfolayan, em «The six-year primary project in Nigeria». Ben Elugbe é peremptório na afirmação de que, face aos relatórios que analisou, se confirma, na prática, que a língua materna é o melhor veículo para a educação primária. Este projecto foi financiado pela Fundação Ford, pelo Ministério da Educação do Estado Federal e pela Universidade Qbafemi Awolowo de Ile-Ife.

Para resolver a questão dos professores, em 1991, o Governo Federal criou um Instituto Nacional de Línguas Nigerianas, em Aba, Estado de Abia, onde os futuros professores fazem um trabalho intensivo direccionado para as questões linguísticas. Ainda segun-

do Elugbe, a política linguística traçada para a educação na Nigéria é avaliada como aceitável. No entanto, considera que não tem havido um esforço concentrado para implementá-la.

A necessidade de publicação de elevado número de manuais torna-se, de facto, muito dispendiosa. São mais de 400 línguas africanas. Porém, «existe uma concepção errada de governação e isto leva à má gestão dos fundos». Apesar do esforço levado a cabo pelo Estado Federal, a língua continua a ser vista como um símbolo de etnicidade, isto é, «um potencial desunificador». Logo, o Governo refugia-se e encontra uma razão para não investir neste campo e, desta forma, evita (de acordo com o Governo) criar problemas étnicos. Também a formação de professores é uma outra questão, já de si problemática, por falta de atractivos para a carreira docente. Daí que, os nigerianos, se dediquem pouco ao ensino e, conseqüentemente, ao ensino das suas próprias línguas.

• Ph. D em Ciências da Educação e Mestre em Relações Interculturais

Apesar do esforço levado a cabo pelo Estado Federal, a língua continua a ser vista como um símbolo de etnicidade, isto é, «um potencial desunificador». Logo, o Governo refugia-se e encontra uma razão para não investir neste campo.

## Domingos de Barros Neto tece fiapos de memórias

Domingos Fernandes de Barros Neto já nos habituou a uma escrita de expressivo corte clássico, no esmero da linguagem e na clareza da exposição das ideias, como vemos em Sombras do Passado e Nzaji, o Último Contratado.

No passado dia 9 de Novembro, Barros Neto entregou ao público luandense as suas Memórias – num Diário Fragmentado, um registo de um período crucial da sua vida, pintado a um ritmo discursivo axio-teológico.

Assim se lê, na página 18: “Sob o peso de problemas que, talvez, nem eu sei bem explicar, julguei oportuno parar no plano pró-sacerdócio e reflectir um pouco, para depois agir humana e normalmente.”

Tomada esta decisão, o jovem seminarista Domingos Neto inicia o período de dois anos de hibernação sacerdotal, vivendo na cidade como um vulgar cidadão, com todas as dificuldades, desafios e tentações, em busca da definitiva certeza da vocação.

Num registo diarístico, o autor reflecte sobre o dia-a-dia da cidade de Luanda e das suas gentes, dos seus medos e da sua revolta, e confronta-se com os grandes temas da actuali-

dade global que vai lendo nos jornais e magazines.

Por isso, o livro que temos em mãos é o diário de um cidadão do Cosmos à procura do sentido da Humanidade e não apenas o conflito íntimo entre a vocação para Deus e o destino “mundano”. Pois que, no volume II das Memórias que parece terão continuidade até completar uma tetralogia, o autor leva-nos à Luanda de 1972:

“Hoje, Luanda apresenta-se como uma face de menina bonita, bela e requintada, mas de uma beleza artificial graças às múltiplas mensagens artificiais, a cosméticos dos mais variados quadrantes.

Luanda ficou bela, moderna, usa vestidos, lançou fora os panos e quimones de outrora mas, por baixo, sente-se o bafo de toda uma hipocrisia e cinismos de um a menina casada mas com vícios assustadores. Luanda de hoje é, para mim, um verdadeiro enigma!”

Como um tecido feito de fiapos dispersos, de memórias registadas em cima dos acontecimentos, esta obra a continuar veste bem a nossa alma sedenta de guardar um passado que aponta o caminho para o futuro.

Domingos Fernandes de Barros Neto nasceu no Cazenigo – Kwanza-Norte (Angola) em 1945.

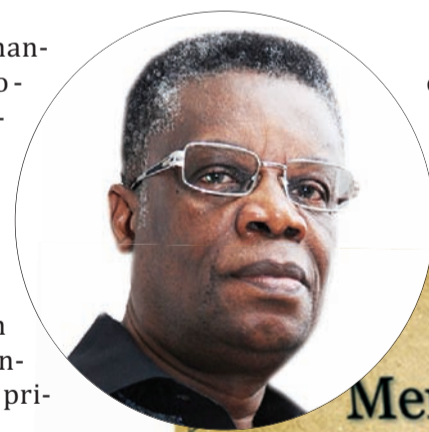
Viveu a sua infância no Dondo (Cambambe), e em Luanda onde concluiu os ensinos primário e liceal.

Formou-se em filosofia em Itália e, em Angola após a independência concluiu o curso de Direito na Universidade Agostinho Neto.

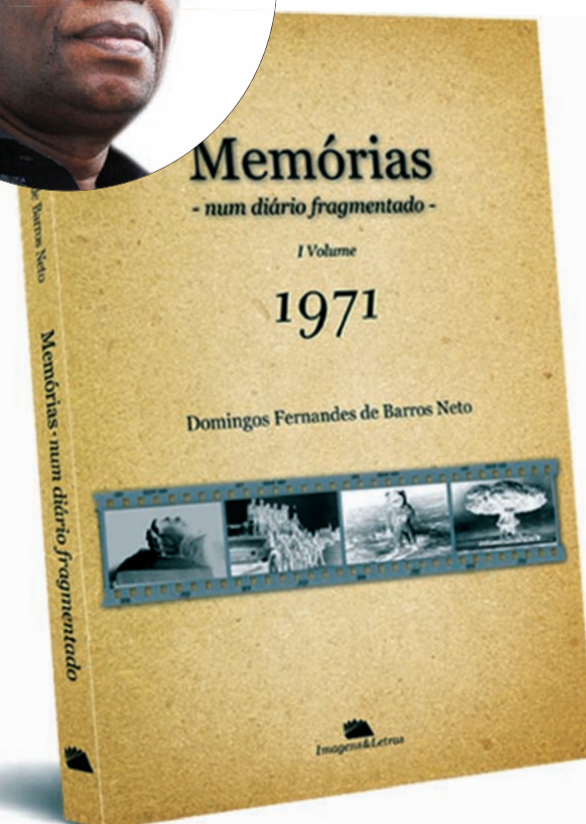
Foi professor do ensino liceal em Angola (Luanda, Bailundo, Huambo Saurimo e Dundo).

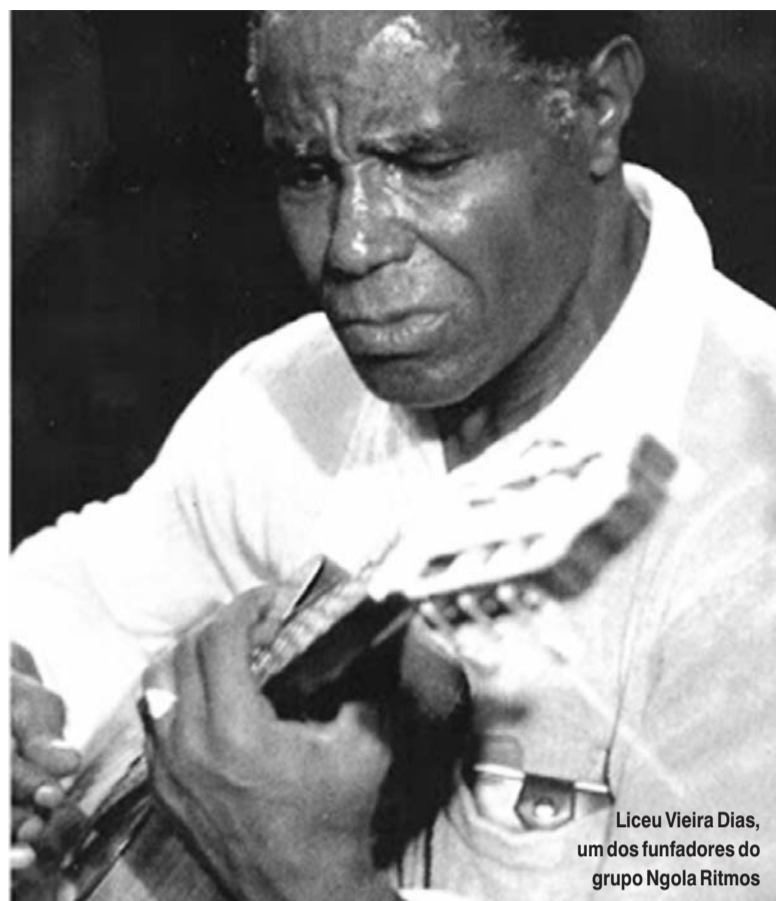
Trabalhou na Embaixada de Itália em Angola como tradutor, assistente comercial e adjunto da área da cooperação universitária italo-angolana.

Foi igualmente Diretor da SADIA - Sociedade Angolana dos Direitos do Autor.



Passado à reforma, dedica-se actualmente a actividades de advocacia e, sobretudo, de sistematização literária.





Liceu Vieira Dias,  
um dos fundadores do  
grupo Ngola Ritmos



Mário Pinto de Andrade

## 'Ritmos da Luta - o Semba como ferramenta de libertação' Ressuscitar o drama na pena de Fernando Carlos

Fernando Carlos encenou em livro os acordes histórico-políticos de "Ritmos da Luta - o Semba como ferramenta de Libertação". Tal como o romance histórico, o drama histórico reinventa o passado e ressuscita os actores reais do tempo marcado para durar, actores de uma cena imortal, tais como Liceu Vieira Dias,

Amadeu Amorim, Zé Maria, Euclides Fontes Pereira, Nino Ndongo, Mário Pinto de Andrade, Lourdes VanDúnem, Belita Palma, Maria do Carmo Medinae muitos outros.

Esta obra do género dramático glorifica o Conjunto Ngola Ritmos e foi publicada no Camões-Centro Cultural Português, no passado dia 13 de Novembro.

Em declarações ao jornal O PAÍS, o autor da obra referiu que se trata de uma obra que surge para homenagear os nacionalistas que estiveram envolvidos na luta anti-colonial de libertação, que veio a culminar com a independência a 11 de Novembro de 1975. O historial sobre as causas que levaram a que se formasse o conjunto, a introdução do violão na música nacional, com o dedilhar do "maestro" Liceu Vieira Dias, no estilo que veio a designar-se "Semba" estão na base desta obra, com 84 páginas.

Fernando Carlos contou que sentiu-se motivado em retratar o historial, por se ter "apaixonado" pela causa que estes nacionalistas abraçaram. "Eles eram assimilados, ainda assim não se acomodaram com a posição que tinham e lutaram a favor dos indígenas", apontou. "Liceu, enquanto líder do agrupamento transmitia estrategicamente mensagens de libertação através da música. Como lhe era permitido cantar, o ritmo surge precisamente pa-

ra não dar a entender os códigos que passam, e ainda em língua Kimbundu".

O livro começou a ser esboçado em 2015 e só agora ficou concluído. O autor disse ter enfrentado algumas dificuldades, sobretudo no acesso às fontes e fidelização das datas por cada período, bem como a limitação de conteúdos a respeito do percurso destes camaradas da clandestinidade. Entretanto, foi possível serem ultrapassadas à medida que pôde colher depoimentos do nacionalista Amadeu Amorim, único sobrevivente do conjunto Ngola Ritmos, e de Ruy Mingas, sobrinho de Liceu Vieira Dias.

Qualquer narrativa ou drama histórico, mesmo Mayombe, de Pepetela, é um eco do nosso tempo, aportam para a nossa era, o verdadeiro sentido do humanismo que os poderes políticos lenta e penosamente vão cedendo à sociedade.

A abrir o livro, na cena I, lemos este diálogo entre Mário Pinto de Andrade e Liceu Vieira Dias que levanta o problema maior da africanidade contemporânea: a libertação da alma do homem:

"Mário - Só se for agora mesmo e de pé. Tenho de me apressar, vou à Marginal de Luanda fotografar o sol a espreguiçar-se, depois o mar a assobiar o nosso Semba e os barcos que nele bailam, trazendo e levando vidas, o cais de sorrisos e choros, os que partem desejando ficar e os que ficam desejando partir.

Fotografar tudo com este meu terceiro olho e guardar na minha memória externa. O café aguça-me a inspiração. Vou começar contigo (tira uma fotografia a Liceu). Um dia, esta foto vai parar ao Jornal de Angola, algo que tenho sonhado

e vislumbrado no dia-a-dia de um país livre.

Liceu (a dar-lhe palmadas suaves nos ombros) - Este teu jeito ninguém iguala, tudo te sabe a poema!

Mário - A minha alma adora e tudo faço por ela. Quem somos sem a alma?

Liceu - Somos colonos.

Mário (aponta no bloco) - Tem piada. Um homem sem alma é colono. O Jacinto vai-se babar a rir quando ouvir isto."

### Mitografia do prefácio

Está de parabéns a editora Asas de Papel, recém constituída para competir no mercado editorial angolano. Só um reparo: é urgente ultrapassar a mitografia do prefácio. O leitor busca, num livro, em primeira mão, o discurso do seu autor, não o do autor do prefácio. Em Ritmos da Luta, o prefácio de Kizua Gourgel só veio destoar o conteúdo da peça e deitar cá para fora uma incongruência de todo o tamanho ao colocar no mesmo diapasão musical o Ngola Ritmos e Eduardo Paim e O2. Entre o Ngola Ritmos e estes dois grupos da nova geração não existe nenhuma solução de continuidade.

De igual modo dizer que "já existe uma nova vaga musical denominada por alguns de NMA (nova música angolana), também ela baseada no resgate e no aprimoramento das linhas harmónicas e rítmicas nascidas dos Ngola Ritmos. Vários nomes sonantes, apesar de jovens, têm assumido esta linguagem musical como a «bossa nova» de Angola." Dizer isto é demonstrar um desconhecimento da alma da música angolana. Pois, se Beto Gourgel deu ao filho o nome de Kizua (kimbundu) é precisamente para honrar a luta do Ngola Ritmos pela identidade

cultural angolana. "Bossa Nova" é brasileiro. Não tem nada a ver com o Semba. Melhor faria o editor em remover da obra o prefácio e em colocar na capa o nome do seu autor. Que contribuição deu, afinal, o prefaciador, para esta obra?

### O AUTOR

Fernando Carlos nasceu a 1 de Junho de 1993, em Luanda. É actor, dramaturgo, compositor, slammer, médico-palhaço e contador de estórias. Começou a sua actividade artística aos 13 anos e hoje é um dos artistas a ter em conta para os próximos anos. Enquanto dramaturgo escreveu e adaptou para o teatro peças como: Sonhos de Rua, Issunje, O Ano do Cão, Muxima, Kakulo e Kabassa e A Praça do Conto. Em 2017, consagrou-se campeão de spoken word, no concurso «Luanda Slam».





# Bonga em caldex e parlapié anima Muzonguê da Dipanda

ANALTINO SANTOS

José Adelino Barceló de Carvalho, “BongaKwenda, foi a atracção principal do Muzonguê da Dipanda, que aconteceu no domingo, 11 de Novembro, Dia da Independência Nacional. Com casa cheia, o Centro Recreativo e Cultural Kilamba fechou em grande a programação de 2018, uma temporada marcada pelas irregularidades do Tradicional Muzonguê, o principal projecto cultural do espaço.

Um dia depois de ter recebido das mãos do Presidente da República a Medalha de Bravura e de Mérito Cívico Social, o Zeca do Marçal aqueceu os presentes com o repertório que preparou para este ambiente com sabor aos tempos do kaparandanda. Depois de ter degustado o muzonguê (“caldex” matinal) e apreciado os colegas que o antecederam foi ao som do instrumental “Bonguinha”, executado com Betinho Feijó na guitarra a segurar o ritmo, que começou a ser montado.

Com a dikanza a sustentar o tempo de palco, “Kamakove”, “Homem do Saco” e “Kahombo é que pica” levaram o pessoal a desgrudar das cadeiras. O baixo do moçambicano Hernani, antigo integrante do TropicalBand, a bateria do multi-instrumentista guineense Gipson que também acompanhava nos coros, o toque da sanfona estava no acordeão do português Ciro Bertinni, todos músicos experimentados e com fortes ligações a trabalhos de angolanos e que há 11 anos fazem parte do conjunto que acompanha BongaKwenda, sob a direcção artística do indispensável Betinho Feijó.

Entre dicas e parlapiés, abordando as malambas e para deixar uma “Lágrima no canto do olho” tema que ficou de fora, ainda teve tempo para cantar o “Kambwá” antes de levar a mítica “MulembaXangola”. Bonga, que não ficou apenas com a dikanza, pegou na ngaeta de beijos para soprar o “Hino do Carnaval”, lembrando farças do antigamente em salões como Maria da Eskrekenha e outros onde a poeira era levantada.

“Kisse-lenguenha” e “Roça de Jindungo” a tal Jingonça foram outros dos tempos que marcaram Bonga no palco do Kilamba, fazendo uma roda para não poder parar num espectáculo que valeu mais pelo regresso à casa, pois em outras ocasiões, o artista apresentou-se em melhor forma. O facto de ter feito nas noites anteriores outros concertos e uma agenda preenchida como a apresentação do livro do livro “Bonga - marcas na oralidade angolana” de Filomeno Pascoal na passada quinta-feira (8) e na cerimónia de Outorgas de Medalhas no Palácio Presidencial pode ser aproveitada para o desconto.

Fizeram ainda parte do Muzonguê da Dipanda, Calabeto, Lulas da Paixão, Dina Santos, Cristo e a Banda Movimento, Curioso que nas duas últimas passagens pelo Centro Recreativo e Cultural Kilamba, em Abril de 2014 e Setembro de 2015, Lulas da Paixão, Calabeto e Dina Santos também constavam no cartaz.



Jorge Mulumba e Betinho Feijó



Entrega do certificado



### Dina Santos ainda tem muito para dar

Dina Santos que foi a convidada nos espectáculos da Casa da Música do Talatona justificou as razões da opção por Estevão Costa. A actuação da autora de Mana Fatita deixou uma mensagem muito forte, que é importante os promotores chamarem cantoras com história e deixarem apenas de apostar nas divas da actualidade, autênticas rainhas dos cosméticos. Com o lamento "Divua-Diami", "Anel" também cantada oneleum dos seus maiores sucessos e "Kassequele", Tia Dina esteve em grande, fazendo recordar os tempos em que era acompanhado pelos Kiezos e Semba Tropical Anel. Afastada dos grandes palcos tem feito algumas, como o concerto de 2016 no Palácio de Ferro na III Trienal de Luanda e no Show do Mês dedicado às vozes femininas.

Calabeto, Dom Caetano, Lulas da Paixão, Kristo e Banda Movimento

Outros participantes da festa da Dipanda foram, a Banda Movimento que não apenas fez o acompanhamento dos artistas individuais, como apresentou temas do seu repertório, muito assente em temas conhecidos da música angolana em detrimento dos temas do grupo que constam na sua discografia.

Calabeto o kotaBwé sempre ao seu jeito deixou a sua marca, num momento inusitado onde o baterista Romão com câmbra, foi substituído por Juca. Lulas da Paixão o aniversariante do dia foi outra voz que fez-se ouvir. Dom Caetano, o Mestre de Cerimónia, também cantou e encantou

e Kristo o kandengue do elenco fechou e não desiluiu com trazendo as tendências jovens foram aceites pelos dikotas.

Bonga, a semelhança das grandes estrelas nacionais, mais uma vez apresentou-se longe do grande público, pois quer as autoridades que



tutelam como os promotores não estão preocupados com actividades culturais de massa. Nem mesmo no Dia Nacional o zé povinho não teve a liberdade de ter acesso ao direito de actividades lúdicas, como acontecia no passado com o Cultura em Novembro, actividade onde democraticamente as manifestações artístico-culturais chegavam aos populares. No tempo da outra senhora promotores como Riquinho faziam as festas para os supervips mas em para-

lelo tinha para os não vips algures na cidade de Luanda.

### Bonga, o cidadão com Medalha de Bravura e de Mérito Cívico Social

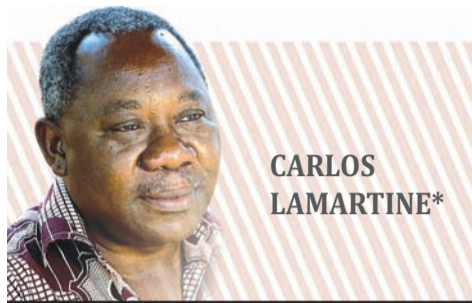
Quatro anos passados da cerimónia oficial de condecoração como Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras, na residência do Embaixador francês, curiosamente no dia 10 de dezembro de 2014 e dezoito anos depois do Prémio Nacional de Cultura e Artes em 2010, Barceló de Carvalho é desta feita reconhecido pelo governo angolano, com a Medalha de Bravura, recebida pelas mãos do Presidente da República, João Lourenço.

O 'cavaleiro' francês de Porto Kipiri e Marçal agora um cidadão angolano com Bravura reconhecida diz ser esta a maior distinção do seu percurso artístico.

Do reconhecimento do Estado francês encontramos nomes como de Cesária Evora e Teófilo Chantre, ambos de Cabo Verde, o escritor Mia Couto, de Moçambique, Manu Dibangu, dos Camarões, Gilberto Gil, Chico Buarque, Jorge Amado (Brasil), Amália Rodrigues, José Saramago (Portugal), Clint Eastwood, Bob Dylan (EUA). Do reconhecimento nacional outros nomes que marcam as artes e cultura constam como: Viriato da Cruz, Liceu Vieira, Teta Lando, Jorge Macedo, Almerindo Jaka Jamba, Victor Teixeira, Viteix e Cremilda Lima que depois de propostos pelas comissões para as Famílias das Condecorações Cívicas e Militares foram aceites pelo Presidente da República nas celebrações dos 43 anos da Independência Nacional.

José Adelino Barceló de Carvalho nasceu em Luanda a 5 de Setembro de 1942, Porto Kipiri, Bonga Kwenda ou seja pegou e andou. O sucesso no campo artístico surgiu depois do reconhecimento nas pistas de atletismo, com feitos nos 200, 400 e 800m em representação da selecção portuguesa. A música sempre o acompanhou no seio familiar e nos ambientes do Marçal, onde fundou os Kissueia. Angola 72 marca a troca das pistas de atletismo para outras pistas. O LP um grito pela liberdade e que foi banido pelo governo português foi gravado em menos de 24 horas num estúdio em Roterdão (Holanda) com artistas cabo-verdianos. De lá para cá seguiram-se cerca de trinta obras discográficas de originais, várias compilações, colaborações com artistas e temas em trilhas sonoras de filmes. O seu mais recente disco de estúdio é o Recados de Fora um disco que apesar de ter dois anos de vida é pouco explorado e conhecido em Angola. Neste disco podemos encontrar "Banza Remy" em homenagem ao radialista francês Remy Kolpa-Kopoul, um dos maiores divulgadores da sua obra e de artistas africanos. A amiga Cesária Evora é lembrada em "Odji Maguado" do compositor B. leza um tema com a participação de Bau no cavaquinho. "Recados de Fora" abre com Sodade, Meu bem sodade" onde a guitarra portuguesa com Ricardo Parreira e Tiago Oliveira trazem um Bonga no espírito do Faco, mas é com o refrão o que eu comi já me chega é que está lançad" o "Recado de Fora". "Espalha", "Água Rasca" e "Marikota", "Outros Tempos" são outros das 11 canções que marcam este álbum que deve ser apreciado.

# Carta aberta a Manuel Rui Monteiro sobre o Hino Nacional “Angola Avante”



CARLOS LAMARTINE\*

É bom melhorar o que está bem, mas fundamentalmente, corrigir o que está mal, para que a sociedade angolana, de agora em diante, possa caminhar de braços abertos com o sentido do progresso e com os olhos mirados para o futuro, que se pretende risonho para as futuras gerações.

Amar ao próximo como a si mesmo constitui um postulado divino, destinado à harmonização da vida humana no Universo. A hipocrisia contribui para falsificar a história e denigre a personalidade do ser humano.

Quero, por este meio, desculpar-me junto do Manuel Rui Monteiro, meu querido amigo e companheiro dos sentimentos positivos, que durante o percurso para a conquista da independência nacional de Angola nos aproximou e soube nos manter unidos espiritualmente à sombra da mesma bandeira que também ajudamos a escolher, pela ousadia moral com que passo a descrever o meu pensamento sobre o assunto:

De facto, lembra-me a consciência, Senhor Dr. Manuel Rui Monteiro, de, na ocasião ter sido convidado e orientado pelo então Bureau Político do MPLA, em notificação antecipada no dia 8 de Novembro de 1975, para, na qualidade de dirigente da JMPLA Provincial de Luanda e cantor de referência no tempo, tomar parte do grupo constituído para a “confeção” do futuro Hino da República Popular de Angola, que se ia proclamar a 11 de Novembro de 1975.

Lembra-me, também, que no dia 9 de Novembro de 1975, pelas 9 horas, conjuntamente com o senhor Carlitos Vieira Dias (outro elemento também indigitado por essa mesma entidade), chegamos ao Palácio Presidencial, na Cidade Alta, onde estava instalado o Governo de Transição (totalmente já assumido pelo MPLA). Orientados pelo Senhor Dr. Luís de Almeida e pelo Senhor Hermínio Escórcio, termos sido encaminhados para uma das casas do Saneamento, não me lembra já, se era a residência do Manuel Rui nas vestes de Ministro da Informação ou do Dr. Saydi Mingas, então Ministro das Finanças, onde de facto já havíamos encontrado os senhores Dr. Manuel Rui Monteiro e Rui Mingas, ambos lá fixados com o mesmo objectivo.

Lembra-me, também, que ficamos durante todo o dia de 9 de Novembro

de 1975, a trocar algumas ideias para a consolidação da letra em versos realmente já apresentada pelo Senhor Dr. Manuel Rui Monteiro como de sua autoria, que estava assente numa melodia, igualmente apresentada pelo Senhor Rui Mingas, como de sua autoria.

Começamos todos juntos (os 4), Dr. Manuel Rui Monteiro, Rui Mingas, Carlos Lamartine e Carlitos Vieira Dias a estruturarmos os versos, ajustando-os à melodia e o seu respectivo enquadramento harmónico. Depois de algum tempo, acabamos por fazer a primeira versão, embora a música que estava assente na mesma melodia sofria os arranjos do senhor Carlitos Vieira Dias, pelo seu grande domínio do instrumento (a viola acústica).

Lembra-me, também, termos passado todo o dia a trabalhar nele fazendo cada um de nós, eu e o senhor Carlitos Vieira Dias, as nossas sugestões, quer no enquadramento das palavras, quer no encaixamento delas na quadratura da melodia em causa, sugerindo inclusive a definição do título do texto.

Lembra-me, também, Senhor Dr. Manuel Rui Monteiro, que passamos o dia inteiro (da manhã e da noite), apoiados numa dieta alimentar assente em sandes (pão com fiambre e queijo), rissóis, pasteis de bacalhau, churrasco, bolachas de água e sal e maria, acompanhados de sumos e refrescos, uísques, vinho e cerveja, para nossa alimentação.

Lembra-me, também, Senhor Dr. Manuel Rui Monteiro, que passamos a noite inteira a trabalhar para decorar o canto do Hino, para o gravar em cassette, numa nagra pequena, com o fim de o submetermos à direcção do MPLA.

## CORRECÇÕES DO PRESIDENTE

Lembra-me, também, que a posterior, quase na madrugada do dia em curso, o verso viera com algumas sugestões correctivas do saudoso Dr. António Agostinho Neto que foram introduzidas para melhoramento.

Lembra-me também, Senhor Dr. Manuel Rui Monteiro, que, depois do projecto aprovado pelo Bureau Político do MPLA no dia 10 de Novembro de 1975, saí

dessa residência, por volta das sete da manhã, para me dirigir à JMPLA e à UNTA, a fim de ser constituído o Grupo Coral Gigante para os ensaios e para a entoação do Hino, que seria e o foi, por altura da Proclamação na Praça do 1º de Maio. Lembra-me, igualmente, Senhor Manuel Rui Monteiro, que, de acordo com as respectivas confirmações, o Grupo Coral Gigante foi formado com cerca de 250 pessoas, entre jovens e adultos, homens e mulheres, cuja maioria foi recrutada pela OMA.

O Grupo Coral esteve, pontualmente reunido às 14 horas do dia 10 de Novembro de 1975, na sede provincial da JMPLA, precisamente no seu Campo de Basquete, onde realizamos em bruto o ensaio do Hino, depois de aprova-

do pelo Bureau Político do MPLA.

Lembra-me, também, Senhor Dr. Manuel Rui Monteiro, que, na qualidade de Regente do Hino, estiveram comigo nesse trabalho de ensaios os artistas Calabeto, António Miguel Francisco e Filipe Gumbe Mukenga, solicitados por mim para inter-ajuda.

Lembra-me que os ensaios foram efectuados com a celeridade necessária para que depois das 18 horas cada um dos integrantes fosse para a casa preparar-se, trajando camisa branca de mangas compridas e calças ou saias escuras, tendo as bessanganas sido trajadas de panos pretos. Todos os integrantes do Coral Gigante, pontualmente, estiveram na Praça do 1º de Maio às 21 horas conforme lhes havia sido recomendado, onde ainda se foram fazendo os ensaios amiúde.

Lembra-me, Senhor Dr. Manuel Rui Monteiro, que, para a sequência do Acto da Proclamação, a JMPLA (nas pessoas de Carlos Lamartine e Ângela Bragança, nas vestes de Coordenadora) seleccionara o pioneiro Daniel Canhanga para proceder, em representação da OPA, ao içar da Bandeira Nacional, conjuntamente com os Camaradas Paiva Domingos da Silva e Imperial Santana, ambos do Movimento do 4 de Fevereiro, indigitados pelo Bureau Político para o efeito.



Manuel Rui Monteiro

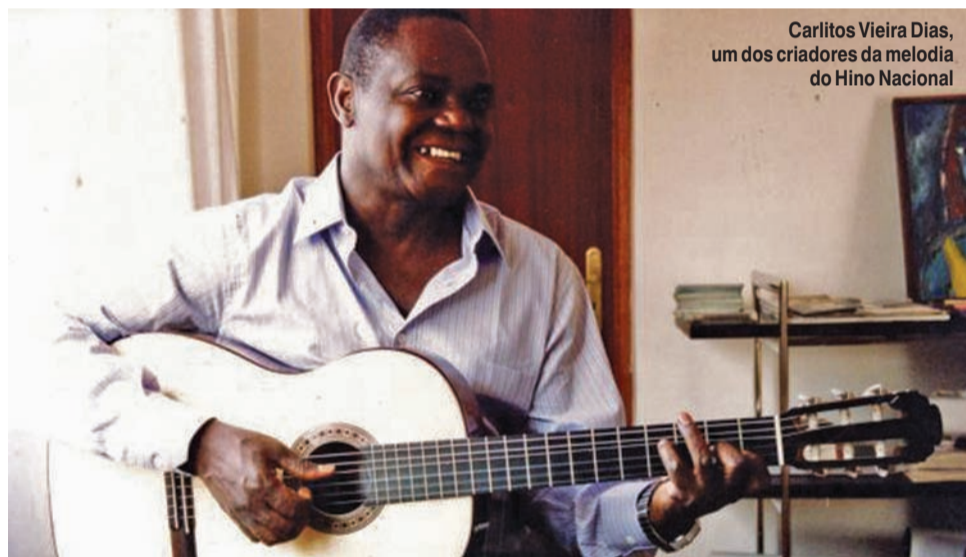


Lembra-me, também, Senhor Dr. Manuel Rui Monteiro, que, apesar das grandes dificuldades inerentes ao cumprimento de tão esplendorosa e árdua tarefa, todos nós participamos, de forma abnegada, corajosa e destemidamente, sob o troar dos canhões em Kifwangondo, no Norte, e no Ebo, ao Sul, sem arredarmos o pé para que se concretizasse o maior sonho dos angolanos: suprimir o colonialismo da nossa terra. Ninguém pediu nada. Ninguém exigiu nada. Nem mesmo água para matar a sede.

Lembra-me, também, Senhor Dr. Manuel Rui Monteiro, que após a proclamação da independência que todos acompanhamos eufóricos, fomos para casa descansar, cientes de que a missão não terminara ali. Seleccionados em número mais reduzido no dia seguinte ao acto da proclamação, o Coral apresentou-se nas instalações da então Câmara Municipal de Luanda onde entoou o Hino Nacional Angola Avante, para a Tomada de Posse dos Primeiros Membros do Governo da República Popular de Angola.

Depois desse acto, no mesmo dia a tarde, esse mesmo núcleo gravou na então já Rádio Nacional de Angola, através do sonoplasta Artur Arriscado, secundado por Jofre Neto, Francisco Simmons, Manuel Berenguel, o Hino Nacional Angola Avante, na sua primeira versão. Na sua sequência se gravou, também, em primeira mão, a sua letra “Os Meninos do Huambo” com música de Rui Mingas, cantada pelo próprio Rui Mingas, com o acompanhamento à viola de Carlitos Vieira Dias e coros de Carlos Lamartine.

Senhor Dr. Manuel Rui Monteiro, em momento nenhum, eu Carlos Lamartine, expressei em qualquer depoimento que a letra não era sua e a música não era do Rui Mingas. Não é verdade quem assim disser. Em momento algum me quis apossar de uma



Carlitos Vieira Dias,  
um dos criadores da melodia  
do Hino Nacional

proeza a que não tenha participado, apenas quero esclarecer que trabalhamos juntos para a confecção do Hino Nacional Angola Avante, nas horas precisas, nos momentos precisos, para que fomos todos indigitados.

Será mentira ou pura invenção minha que tenhamos estado juntos no dia 9 de Novembro de 1975 a trabalhar no Bairro do Saneamento, quer seja sua a residência ou do malogrado Saydi Mingas, durante todo o dia, a partir da manhã, a tarde e a noite e até de madrugada para a realização do Hino Nacional Angola Avante?

Não é verdade que amiudadas vezes entraram na sala onde nos encontrávamos, os senhores Dr. Luís de Almeida, Saydi Mingas, Hermínio Escórcio, o Dr. Cassessa e outros, perguntando se o trabalho ia ou estava pronto?

Será invenção minha? Não acredito tamanha capacidade para brincar com coisas tão sérias.

Para uma pergunta do articulista, ao Dr. Manuel Rui Monteiro se “O Lamartine, também participou na criação do hino”, o Dr. Manuel Rui Monteiro respondeu peremptoriamente, “Não. O Lamartine não estava. Mas um

momento depois do hino ser aprovado pelo Comité Central {do MPLA} alargado que incluía os que estavam no Governo e representantes dos Comités, era preciso arranjar os jovens para constituírem o coro. Mas primeiro fomos à Rádio Nacional para gravar, aí estava também o Lamartine”.

Eu devia considerar essa afirmação como uma analogia com os ditames da hipocrisia. Então já o Rui Mingas, a dada altura de uma sua entrevista, dizia que o Lamartine só levou a Cassete com a música gravada!

Quanta maldade por parte de eméritos ilustrados.

Os antigos colonialistas também deitavam ao mar os textos, os livros e outros objectos de artes daqueles homens angolanos de quem eles não gostavam. É igual.

O meu raciocínio me permite fazer a seguinte pergunta: “Se eu não participei na confecção do Hino, ia decorá-lo, como? Adivinhando? E de um dia para outro? Muita inteligência ou então uma “mente” altamente dotada!

Será que andei a espreitar numa das janelas dessa casa do Saneamento e porque o som era audível me aproximei sorratamente e decorei o es-

quema todo do Hino? Depois, ensaiei de meu livre arbítrio com o senhor Carlitos Vieira Dias na varanda do seu quintal, onde era habitual estarmos, para depois inusitadamente irmos à Rádio Nacional encontrarmo-nos e gravar o mesmo hino, conjuntamente com os heróis da fita?

#### CONTRIBUÍ PARA A CONFECÇÃO DO HINO

Várias outras perguntas ainda moram no meu subconsciente, para as quais, algumas deveria responder com demonstrações concretas, mas prefiro ficar por aqui, deixando ao vosso interesse a seguinte preocupação:

- Onde estão as gravações iniciais feitas na Rádio Nacional de Angola, as do Acto da Proclamação e as da Câmara Municipal de Luanda, durante o Acto de posse do primeiro Governo? Na Rádio Nacional quem canta em dueto de vozes, em parceria, com o senhor Rui Mingas? Deviam se lembrar da primeira gravação da música “Os Meninos do Huambo”. Onde estão os registos fílmicos feitos nessas ocasiões? E as fotografias? Porque é que não são mostradas? Qual o receio?

Quem foi que incumbiu o Lamartine de arranjar jovens para o coro?

O Carlos Lamartine nunca disse a ninguém, jornais, ou em outros meios de comunicação social que fora “autor” do Hino Nacional Angola Avante, mas sim e, o atesta o meu relato nesse figurino, que foi contribuinte para a sua confecção e realização.

Repito: sou contribuinte na sua confecção e sou o Regente Principal do Grupo Coral Gigante do Acto da Proclamação da Independência de Angola, no dia 11 de Novembro de 1975, e do Coral no Acto da Tomada de Posse do 1º. Governo da República Popular de Angola, que teve lugar na Câmara Municipal de Luanda.

A História me absolverá!

Dar a Deus o que é de Deus e a Paz na Terra aos Homens de Boa Vontade.

# 10 de Novembro de 1995

## Dramaturgo e activista

### Ken Saro-Wiwa enforcado na Nigéria

**K**en Saro-Wiwa, de seu nome Kenule Benson Tsaro-Wiwa, nasceu no dia 10 de Outubro de 1941. Era o filho mais velho de uma família proeminente em Ogoni, que é hoje Bori, estado de Rivers, Nigéria. Saro-Wiwa foi educado no colégio do governo de Umuahia e na Universidade de Ibadan.

Posteriormente, ocupou uma ampla variedade de cargos administrativos no governo, incluindo o de comissário de educação no Rivers State no final dos anos 60, e comissário de informação e assuntos internos no início dos anos 70. Além disso, ele foi editor e escritor, e serviu como presidente da Associação de Autores Nigerianos.

Dois dos seus trabalhos mais conhecidos foram extraídos de suas observações e experiências da guerra do Biafra. Sua magnum opus, 'Sozaboy: um romance em inglês podre', um conto de um garoto ingénuo da aldeia recrutado para o exército. 'On a Darkling Plain', um diário de suas experiências durante a guerra.

Durante a guerra de Biafra (1967-1970), foi administrador civil para o porto de Bonny, perto de Ogoni no Delta do Níger. Passou a ser empresário, romancista e produtor de televisão. A sua série de TV satírica Basi & Co. foi supostamente a novela mais assistida na África.

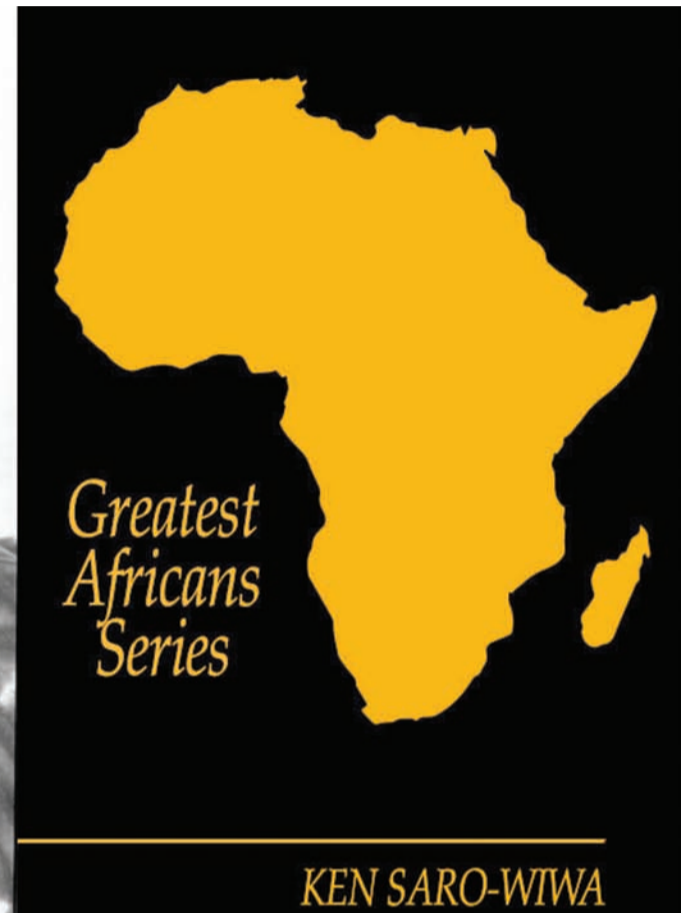
Ken Saro-Wiwa foi consistente em expressar a sua preocupação com o tratamento dos Ogoni dentro da Federação Nigeriana e em 1973 foi demitido de seu posto como Comissário Regional de Educação no gabinete do Estado de Rivers, por defender uma maior autonomia Ogoni.

Durante os anos 70, construiu seus negócios no sector imobiliário e no varejo e, nos anos 80, concentrou-se em sua produção de jornalismo e televisão.

Uma característica constante de seu trabalho eram referências à exploração que ele via à sua volta, à medida que a indústria de petróleo e gás expunha os Ogonis, deixando-os poluídos e privados de direitos.

Em seu livro de contos, *Forest of Flowers* (1986), usou a história *Night Ride*, para reflectir sua ira contra empresas multinacionais de petróleo, como a Shell, apropriando-se da terra da população local:

"Uma velha tinha se arrastado até ele. Meu filho, eles chegaram esta manhã e cavaram toda a minha fazenda, minha única fazenda. Eles ceifaram a labuta das minhas sobranças, o orgulho dos meses de espera. Eles dizem que vão me pagar uma indemnização. Podem me compensar pelos meus trabalhos? A alegria que recebo quando vejo os vegetais brotando, a revelação de Deus para



mim na minha velhice? Oh meu filho, o que posso fazer?

Que resposta agora ele poderia lhe dar? Eu vou investigar isso depois, ele respondeu suavemente.

Olhe para isso depois. Ele quase podia odiar a si mesmo por contar essa mentira. Ele amaldiçoou a terra por jorrar óleo, ouro negro, como eles chamavam. E ele amaldiçoou os deuses por não secarem os poços de petróleo. O que importava que milhões de barris de petróleo fossem extraídos e exportados diariamente, desde que essa pobre mulher chorasse aquelas lágrimas de desespero? O que ele poderia olhar depois? Ele poderia disponibilizar terras alternativas? E os legisladores revisariam as leis apenas para trazer um pouco mais de felicidade a esses infelizes que a busca por petróleo reduzira a uma existência animal? Eles devem enviar os royalties do petróleo para os homens cujas fazendas e terras foram saqueadas e arruinadas. Mas os advogados estavam a cargo das companhias petrolíferas e do governo e das empresas. Então, como ele poderia investigar isso depois?"

Em 1990, Saro-Wiwa ajudou a fundar o Movimento para a Sobrevivência do Povo Ogoni (MOSOP). Ele alegou que a receita do petróleo de Ogoniland, no delta do rio Níger, no leste da Nigéria, estava sendo usada para enriquecer a elite nigeriana e que Ogoniland estava sendo arruinada pela conseqüente poluição. Ele começou a se dedicar à melhoria dos problemas das regiões produtoras de petróleo do Delta do Níger.

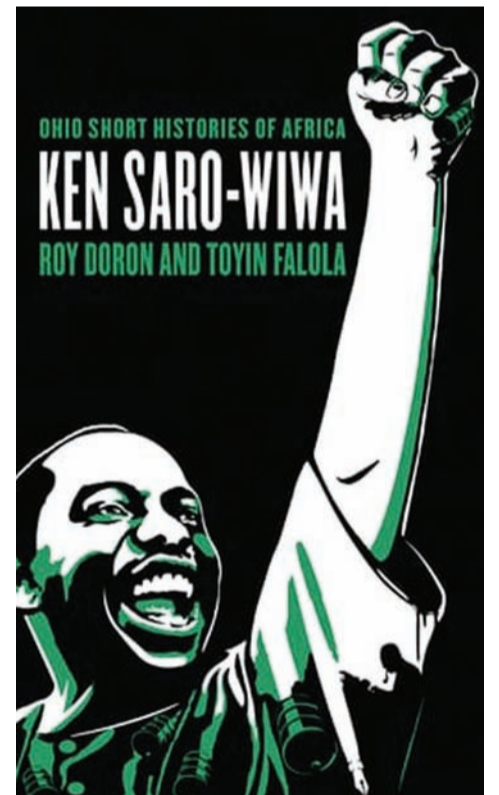
Focando em sua terra natal, Ogoni, ele lançou um movimento não violento pela justiça social e ecológica.

Em 1992, Saro-Wiwa foi preso por vários meses, sem julgamento, pelo governo militar nigeriano.

Saro-Wiwa foi vice-presidente da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas e dos Povos (UNPO) de 1993 a 1995. A UNPO é uma organização internacional, não-violenta e democrática (da qual o MOSOP é membro). Seus membros são povos indígenas, minorias e territórios não reconhecidos ou ocupados que se uniram para proteger e promover seus direitos humanos e culturais, preservar seus ambientes e encontrar soluções não violentas para os conflitos que os afectam.

Em Janeiro de 1993, o MOSOP organizou marchas pacíficas de cerca de 300.000 pessoas Ogoni - mais da metade da população Ogoni - através de quatro centros Ogoni, chamando a atenção internacional para a situação de seu povo. No mesmo ano, o governo nigeriano ocupou a região militarmente. Ele foi tão efectivo em atacar as companhias petrolíferas e o governo nigeriano, acusando-os de travar uma guerra ecológica contra os Ogoni e precipitar o genocídio do povo Ogoni, que em 1993 as companhias petrolíferas saíram de Ogoni.

O MOSOP planejou boicotar as eleições presidenciais de Junho de 1993. A oposição política desenvolveu-se a partir do MOSOP sobre esta questão e, em Maio de 1994, um tumulto ocorreu em uma reunião em Giokoo, resultando na



morte de quatro Ogoni. Embora Saro-Wiwa não estivesse presente, foi preso por supostamente instruir seus partidários a "lidar com" seus oponentes políticos. Grupos de direitos humanos alegaram que seus métodos eram baseados na não-violência.

Saro-Wiwa e outros quatro Ogoni foram julgados e condenados por um tribunal militar especial e lhes foi recusada a possibilidade de recurso. Saro-Wiwa foi enforcado com oito outros activistas Ogoni em 10 de Novembro de 1995. Depois disso, várias testemunhas da promotoria declararam que haviam sido subornadas para testemunhar contra ele.

# A história de Darfur na poesia de Emtithal Mahmoud



EMTITHAL MAHMOUD\*

**E**mtithal Mahmoud, chamada de "Emi", escreve poemas sobre resiliência para enfrentar a sua experiência de sobrevivente do genocídio de Darfur. Ela fala de refu-

giados, família, alegria e tristeza. Emtithal Mahmoud, cuja família foi expulsa do Sudão pela guerra quando era criança, ganhou um prêmio de poesia performática por peças baseadas em uma história traumática.

Com o poema Mamã, ela ganhou o Campeonato Mundial Individual de Poesia Slam em Washington DC.

Mahmoud, que vem de Darfur e está actualmente na Universidade de

Yale estudando antropologia e biologia molecular, diz que a sua mãe ainda não ouviu o poema que inspirou.

Partiu para o Sudão no primeiro dia da competição de poesia, que também foi o dia da morte da avó de Mahmoud.

Foi a peça final que Mahmoud apresentou na competição, na qual os poetas performáticos de todo o mundo competem numa série de rodadas.

A família de Mahmoud deixou o

Sudão para o Iémen quando ainda era criança, mudando-se para os Estados Unidos em 1998. Começou a escrever poesia quando criança "para ajudar os meus pais a aumentar a consciencialização para o nosso povo em Darfur". "Meu objectivo era garantir que as crianças, minhas primas, não fossem esquecidas nas tentativas de enfrentar as atrocidades em Darfur", diz ela.



Darfur

## Mamã

*Eu estava andando na rua quando um homem me parou e disse: Ei, você é da pátria? Porque minha pele é uma sombra muito profunda para não ter vindo de solo estrangeiro. Porque esta roupa na minha cabeça grita África. Porque meu corpo é um farol chamando todo mundo para vir ao bando para a pátria. Eu disse: eu sou sudanesa, porquê? Ele diz: porque você tem um pouco de sabor em você, só estou admirando o que sua mãe lhe deu. Deixe-me dizer-lhe algo sobre a minha mãe. Ela pode reduzir um homem a carne esfarrapada sem sequer piscar Suas palavras infeccionam sob sua pele e o tempo todo. Você não será capaz de parar de embalar seus olhos. Minha mãe é uma mulher perfeita e formidável no mesmo passo. Mulher entra numa zona de guerra e tem guerreiros se encolhendo a seus pés. Minha mãe carrega todos nós em seu corpo, em seu rosto, em seu sangue e sangue não é bom quando você se solta. Então ela sempre nos mantém perto. Quando eu tinha 7 anos, ela embalou balas nas ondas de suas vestes.*

*Naquela mesma noite, ela me ensinou como tirar a pólvora do algodão com uma barra de sabão. Anos depois, quando os soldados a mantiveram sob a mira de uma arma e perguntaram quem ela era. Ela disse: Sou filha de Adão, sou mulher, quem diabos é você? A última vez que fomos para casa, vimos nossa aldeia queimar. Soldados derramando sangue de crânios civis. Como se eles também pudessem transformar água em vinho. Eles roubaram o chão debaixo dos nossos pés. A mulher que me criou virou-se e disse, não tenha medo, sou sua mãe, estou aqui, não vou deixar passar. Minha mãe me deu convicção. Mulheres como ela de olhos cansados, pulsos machucados e espinhas de titânio. As filhas das viúvas usando as asas dos amputados transportam os países entre as omoplatas. Eu não estou dizendo que o namoro é um problema do primeiro mundo, mas esses filhos da puta insignificantes parecem ser. O tipo que vai citar Rumi, mas não sabe o que ele sacrificou pela guerra. Quem vai bajular Lupita,*

*mas ligue seus filtros raciais. Quem vai tomar sua política com leite quando eu tomar o meu com gás lacrimogéneo. Todo o madié que eu conheço quer ser minha introdução para o lado negro. Quer que eu abra essa pele de obsidiana e deixe que eles leiam cada página chorosa. Porque o sobrevivente não teve sua luta feita espectáculo? Não fale sobre a pátria a menos que você saiba que ser da África significa acordar uma reflexão tardia neste país. Não fale sobre o meu sabor a menos que você saiba que meu sabor é insurreição, é rebelião, resistência. Meu sabor é um motim é um fardo, é um problema e é um compromisso e você não conhece o compromisso até que você tenha reconstruído sua casa pela terceira vez. Sem tijolos, sem argamassa, sem outra opção. Virei-me para o homem e disse: Minha mãe e eu não podemos mais andar sozinhas pelas ruas de volta para casa. De volta para casa, não há mais ruas para andar. Desde que você está aqui ...*

# O camaleão no Executivo



FRANCISCO NETO\*

A senhora Maxita Concoxeu era a ministra dos Assuntos Rurais e Inclusão dos Povos – ARIP, no governo saído das vigésimas eleições multipartidárias realizadas no nosso país e ganhas pelo partido União Pão e Paz – UPP, em que a sua família era bastante influente. Seu pai fora durante vários anos o seu secretário-geral. O seu ministério estava encarregue de promover a inclusão dos pobres, ou seja, dirigia a luta contra a pobreza.

No seio do partido, a senhora ministra era amada por muitos, mas, na mesma proporção, era também detestada. Porém, os últimos nunca se mostravam. Eram só sorrisos e aplausos. Nos corredores da sede nacional do partido cogitava-se que, mais cedo ou mais tarde, esta seria catapultada para o cargo que um dia fora do seu pai. Então, residia aí o facto de que os que a detestavam nunca apareciam. Eram só beijinhos, abraços, elogios e longos sorrisos. A bajulação imperava.

A senhora ministra vivia numa zona nobre. Considerada área das elites. Por lá, poucos a conheciam. Seu rosto era sempre ocultado pelos vidros embaciados dos seus luxuosos jeeps. Esta sua atitude, diante da vizinhança, exigia-a também aos seus empregados e às duas sobrinhas adolescentes que viviam em sua casa. O esposo, acompanhado dos dois filhos, há mais de cinco anos que se encontrava em Portugal. Algumas bocas diziam que fugira da sua petulância.

Dos empregados da casa da senhora ministra Maxita Concoxeu, a dona Josefa, a cozinheira, era com quem mais ela embirrava. Zefa, como era chamada pelos mais próximos, inclusive por algumas pessoas do bairro da sua patroa, sempre que tecia alguns comentários a respeito dela, tratava-a por má pessoa. Dizia ainda que só a aturava por causa do pão das crianças. Deste modo, contrariava toda a boa reputação que a senhora ministra granjeava na sociedade. Transmitida, principalmente, pelos média.

“A senhora ministra é uma pessoa muito modesta. Empenha-se muito no seu trabalho. Fá-lo com paixão e unicamente virado para a satisfação das populações. Ela é um grande exemplo”. – era este o discurso que se ouvia,

amiúde, em vários círculos. Muitas vezes, dona Josefa ouvindo-o, admirada, prendia-se em grande silêncio.

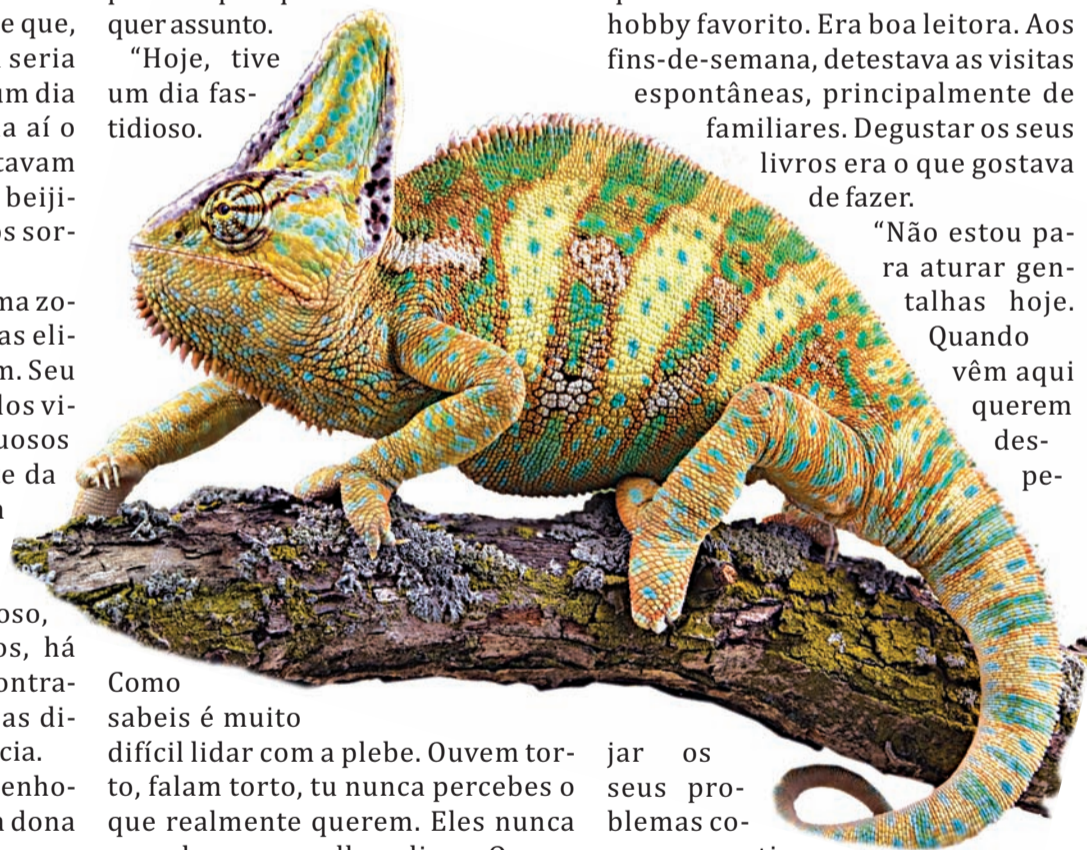
“Dizem isso porque não vivem com ela no mesmo tecto. Aquela senhora odeia os pobres e tudo o que fala na televisão e na rádio é puro teatro. Como actriz teria muito sucesso!”. – dona Josefa divagava em seu mutismo.

Dona Josefa, apesar de dizer que a sua patroa era má pessoa, muitas vezes admirava-se da largura das suas mãos. Ela era de mãos abertas.

Outrossim, admirava-a por causa da sua classe no vestir. A senhora ministra era muito janota. As roupas que usava lhe ficavam muito bem.

“No governo não tem quem lhe aguenta. É muito linda e vaidosa”. – era assim que falava para a sua prole, sempre que a assistiam nos noticiários da televisão. Dona Josefa não era a única que se queixava da maneira desbocada da senhora ministra. O seu motorista e o guarda-costas também. Por sinal, estes eram os que mais sapos engoliam. Ao longo das habituais andanças, a senhora ministra vilipendiava as pessoas por qualquer assunto.

“Hoje, tive um dia fastidioso.



Como sabeis é muito difícil lidar com a plebe. Ouvem torto, falam torto, tu nunca percebes o que realmente querem. Eles nunca percebem o que lhes dizes. O meu trabalho é um calvário. Neste Governo tem mais de trinta ministérios e a mim foram logo dar o trabalho de aturar os pobres...” – era este o discurso que ouviam, diariamente, da parte da senhora ministra, quando esta falava ao telefone.

Certo dia, a senhora ministra chegou a casa e, para o seu desagrado, o almoço não estava preparado. Furibunda, colocou de lado o seu estatuto e saiu aos gritos:

– Ó dona Josefa, sabes a que horas eu me levanto da cama?!? Vocês têm de mudar... Essa vossa preguiça é que vos condena à pobreza.

Cansam os outros, porque parece que a amam! Com certeza estava na

fofoca. Se for para fofocar, não venha à minha casa. Fica na fofoca com aquelas desocupadas do teu bairro!!

Naquela tarde, a ministra encarregue da inclusão dos pobres, fechou-se na sua alcova. Ao anoitecer, quando saiu, já a dona Josefa havia cumprido o seu horário normal de expediente. As palavras da senhora ministra, qual jindungo na boca, arderam no seu coração. Em casa, à noite, insone, matutou seriamente naquele pequeno imbróglio.

Ponderava a possibilidade de largar o emprego. Mas o amor pela prole, que seria a mais prejudicada, falou mais alto. Juntando a isso também o facto de o seu esposo ser desempregado. Desistiu.

– Vou aturar só já os sapos daquela mulher. Minha pouca sorte também é este marido preguiçoso que tenho. – decidiu. A senhora ministra era viajada. Quer dentro, quer fora do país. Mas não era de grandes ostentações. Nas viagens, comprava pouca roupa, mas o mesmo não acontecia com os livros. Comprava-os em quantidade elevada. Ler era o seu hobby favorito. Era boa leitora. Aos fins-de-semana, detestava as visitas espontâneas, principalmente de familiares. Degustar os seus livros era o que gostava de fazer.

“Não estou para aturar gentilhas hoje.

Quando vêm aqui querem despe-

jar os seus problemas como se me tivessem pedido permissão para os arranjar.

Cada um deve cuidar dos seus problemas. Eu já ando grávida até ao pescoço com os problemas do meu ministério”. – era assim que a senhora ministra recomendava aos empregados quando estivesse em casa aos finais de semana.

Outro dia, a senhora ministra foi a uma província do interior do país em missão de serviço. Era uma missão multisectorial. Trabalharia por lá durante uma semana. No noticiário, quando a entrevistavam, dona Josefa, que a assistia, de repente, chamou os outros serviçais da casa:

– Corram!!!. Venham ver o camaleão.

Está a falar na televisão!!

Com grande azáfama vieram. Chegados, estranharam pois quem estava a falar era a senhora ministra Maxita Concoxeu. Não havia camaleão algum.

– Onde está o camaleão? Só estou a ver a nossa chefe. – inquiriu um dos empregados.

– Você não sabe que a nossa chefe é um camaleão?! Então quem pode ter duas faces como ela as tem. Só um camaleão. Ela muda de cor. Ouvem o que ela está a falar aí. Não é o mesmo que a gente ouve ela a falar aqui em casa... – ripostou dona Josefa.

Os outros empregados, ouvindo-a, olharam-se longamente. Ficaram estáticos. Admirados, pareciam não acreditar no que ouviam. De súbito, instalou-se um estuante silêncio naquela sala luxuosa.

– Oh! Não entenderam?! – dona Josefa cortou o silêncio.

– Entendemos tão bem. Estamos é admirados com a tua sabedoria. – respondeu a outra empregada.

Os empregados, a seguir, soltaram uma sonora gargalhada. Na resposta, dona Josefa disse que a vida era uma grande escola. Foi com ela que aprendera aquelas coisas. Principalmente, por ser pobre.

– Todo o pobre deve ser sábio. Então, já sabem. A nossa chefe é o camaleão no Executivo. – finalizou.

O barulho voltou a ocupar a sala luxuosa. Riram novamente, a gargalhadas. Depois deste dia, sem muito se alongar o vagar, chegou a notícia da exoneração da senhora ministra. Contudo, no mesmo dia, num outro despacho, fora nomeada ministra das Relações Exteriores.

No dia em que tomou posse, para o espanto dos seus empregados, não deu o habitual baile da praxe. Chegou a casa apinhada de dossiês. Questionada, respondeu que a conjuntura política internacional exigia mais razão e menos emoção. Tinha de começar logo a trabalhar.

Com o novo cargo, a senhora ministra deixou de ser aquela pessoa impaciente. Passou a falar afavelmente com os seus empregados. Estes deixaram de a ouvir a vilipendiar quem quer que fosse. Inclusive, na sua família passou a ter outra postura. Ia aos óbitos, aos casamentos, enfim, tornou-se sociável.

A sua nova postura chegou a Portugal. Alcançados os ouvidos do seu marido, de chofre, este achou-se a ponderar o seu regresso.

Entretanto, o que já não foi mesmo a tempo de mudar fora o epíteto que lhe atribuíra a sua cozinheira. Seus empregados continuaram a chamá-la por Camaleão no Executivo, mas só o faziam à socapa. A senhora ministra nunca conheceu esta sua alcunha.

# Omukwa kifwa kyabolo ukala kyebi?

## O que é uma pessoa de mau carácter?



MÁRIO PEREIRA

*Numa noite de sunguilar, um ancião predispôs-se a esclarecer aos mais novos algumas questões relacionadas com o mau carácter, em kimbundu. Sentados à volta de uma fogueira, os pequenos indagavam: - Kukwe: twandala kukuta hanji maka, kala kiki: omukwa kifwa kyabolo ukala kyebi? (Avô: queremos pôr-te algumas questões, como esta: qual o perfil de uma pessoa de mau-carácter?)*

*Mukwaavutwila, wixi: respondendo-lhes, afirmou: - Ngividilenu kya kyambote. (Ouçam-me bem.)*



**1.- Omukwa kifwa kyabolo anga kifwa kyaiba, kyene kimoxi, una ulembwa kuzola mukwenuanga mukwandala kumuzola, ukwata kumuzola kyaiba.** 1.- Uma pessoa de mau carácter é aquela que não consegue amar o próximo, e quando pretende amá-lo, ama-o de modo inapropriado.

**2.- Mutu una udituna kuxila akwenu.** 2.- É quem não respeita outrem.

**3.- Una utakula odixidilu ni dizumba dye dyoso dyabolo boxi.** 3.- É quem atira o lixo com todo o seu podre odor para o chão.

**4.- Mutu una uzula mukutu mu njila.** 4.- É quem despe o corpo na rua.

**5.- Mutu una ukala ni lumbi lwa akwenu.** 5.- É quem inveja os outros.

**6.- Mutu una udituna kunwisa akwenu ala ni dinyota.** 6.- É quem não consegue dar de beber a quem tem sede

**7.- Mutu una udituna kumenekena akwenu.** 7.- É quem se nega saudar os outros.

**8.- Mutu una utakula mate boxi ku polo ya adyakimi.** 8.- É quem atira saliva para o chão defronte aos mais-velhos.

**9.- Mutu una uzola kubanga ngo kyaiba.** 9.- É quem adora apenas a feitura do mal.

**10.- Mutu una uxiba makanya makuzumbukisa mwenyu.** 10.- É quem fuma cigarros que extinguem a vida.

**11.- Mutu una uxisa akwenu kufwa ni nzala.** 11.- É quem deixa os outros morrerem à fome.

**12.- Mutu una unyana akwenu.** 12.- É quem rouba.

**13.- Mutu una uloza mukwenu wakambe kukala ni uta bu maku.** 13.- É quem dispara sobre quem está desarmado.

**14.- Mutu una ukala mukwambela kuma mwene ngo wejiya.** 14.- É quem fica a dizer que só ele é que sabe.

**15.- Mutu una udituna kutanga ni kusoneka.** 15.- É quem se nega a ler e a escrever.

**16.- Mutu una udituna kutange-**

**la kidi.** 16.- É quem se nega de dizer a verdade.

**17.- Mutu una uzwela ngo maku-tu.** 17.- É quem diz apenas a mentira.

**18.- Muvundixi wa mwenyu wa akwenu.** 18.- É quem faz com que a vida dos outros se ache na penumbra.

**19.- Omuzembexi wa kisangela.** 19.- É quem faz com que a sociedade se inimize.

**20.- Omutulukixi wa ukamba una wambote.** 20.- É quem faz enterrar na tumba a boa amizade.

**21.- Omusumbuludi wa ima yoso ki kyamutokala mwene.** 21.- É quem usurpa, constantemente, os pertences alheios.

**22.- Omusengexi wa azodi.** 22.- É quem faz com que o amor dos que se amam finde.

**23.- Omutabuludi wa ima yoso ya-bolo ku bata dye.** 23.- É quem recebe tudo o que é mau dentro da sua casa.

**24.- Musambuke wa matangelu aiba.** 24.- É quem é difusor das más informações.

**25.- Mutu ubangesa diyala ni muhatu ku bata kudikwata kwata kala jinguma.** 25.- É quem faz com que o casal em casa se pegue como inimigos.

**26.- Mutanguludi wa mizambu ya ngongo indombesa mwenyu.** 26.- É quem conta e reconta os enigmas do mundo que ensombra a vida.

**27.- Mutu una udituna mukumona akwenu ala kyambote.** 27.- É quem se nega de ver os outros numa situação melhor.

**28.- Una utena kukatula okisunji kya mutu mu kilu.** 28.- É quem pode retirar o espírito de uma pessoa em pleno sono.

**29.- Una utambula wanga pala kujibisa akwenu.** 29.- É aquele que herda o feitiço para matar os outros.

**30.- Una udituna kudya muzonge wa akwazanga mu Lwanda mu twala, benyaba kya.** 30.- É quem se nega de tomar o caldo dos ilhéus de Luanda.

**31.- Omukwa kifwa kyabolo, mutu una wakambe o sonyi.** 31.- É quem é desavergonhado.

**32.- Omukwa kifwa kyabolo, mwene o mukwa dimi we.** 32.- O de mau carácter é também o lin-guarudo.